

## TENSÕES DA MODERNIDADE: A CHEGADA DO PROGRESSO EM ITABAIANA(PB) E SUAS CONTRADIÇÕES

Ítalo Pereira de Sousa<sup>30</sup>

### Resumo:

Esse artigo tem como objeto de estudo a cidade de Itabaiana, na Paraíba e traz como objetivo perceber as contradições existentes na chegada da modernidade na cidade, assim como evidenciar as tensões trazidas nesse processo. A metodologia inclui a análise de fontes locais, como fotografias, jornais da época e literatura local. Os resultados revelaram que a modernidade chegou à cidade de forma gradual, embora em um ritmo mais lento do que nas grandes cidades, provocando tensões significativas durante sua implementação.

**Palavras-chave:** Itabaiana; Paraíba; Modernidade; Tensões.

*Abstract: This article focuses on the city of Itabaiana, in the state of Paraíba, and aims to perceive the contradictions that arose during the arrival of modernity in the city and to highlight the tensions brought by this process. The methodology includes the analysis of local sources such as photographs, newspapers from that period and local literature. The results revealed that modernity arrived in the city gradually, albeit at a slower pace than in larger cities, causing significant tensions during its implementation*

**Keywords:** Itabaiana; Paraíba; Modernity; Tensions.

### Introdução: Historiografia e História Cultural

A cidade é um objeto de estudo complexo, repleto de contradições, tensões, desigualdades e transformações que se refletem em sua estrutura urbana e nas relações sociais que a constituem. A história da cidade é captada, em muitos aspectos, nos embates, nas conquistas de seus habitantes e como esses indivíduos utilizam do espaço da cidade. Desse modo, ao se estudar a história da cidade, o pesquisador precisa estar atento para alguns fatores, como: o contexto de formação da cidade, a utilização do espaço, a transformação da paisagem, as disputas por poder, o cotidiano vivido, a memória formulada e entre outros em uma vasta gama de detalhes.

---

30 UFPE

Sendo assim, a modernidade e o progresso surgem como temas centrais para esse trabalho, uma vez que a busca por esses valores - e os impactos que isso traz - faz com que se processe uma série de transformações nas cidades em seus aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais. A chegada de novas tecnologias, transformações urbanas e mudanças culturais que caracterizam a modernidade têm impacto direto na vida dos habitantes das cidades, suscitando questões importantes sobre desenvolvimento, progresso e modo de se viver no novo espaço transformado.

No Brasil, a atuação da modernidade em cidades do interior se deu de maneira bastante diferente de como aconteceu em grandes centros urbanos. Os signos do moderno chegaram, o cotidiano foi alterado, no entanto, o que se percebe é que as cidades passam a viver em um limiar híbrido entre a agitada cidade moderna e a pacata do interior, gerando, por muitas vezes, um impasse em seu ansiado, principalmente por parte das elites locais, progresso.

É nesse contexto que se insere a cidade de Itabaiana, localizada no interior do estado da Paraíba, que nas duas primeiras décadas do século XX passou por um processo de modernização que a inseriu no movimento de desenvolvimento do país. No entanto, essa modernização não foi isenta de contradições e tensões, gerando desigualdades sociais e exclusão. A incessante busca pelo progresso através da modernização fez com que a cidade sofresse transformações com o objetivo de se adequar ao novo modelo urbano que chegou no Brasil nesse período e modificou os maiores centros urbanos, como a capital do estado de Pernambuco, Recife.

Tais mudanças, como serão demonstradas ao longo do artigo, ocorreram de forma que a modernidade chega com uma cadência bem menor do que nos grandes centros urbanos, em um ritmo próprio, não chegando a afetar toda a paisagem urbana e nem todos os seus habitantes, que não passam a usufruir dessas mudanças de maneira uniforme. Ainda assim, o cotidiano é bruscamente afetado, a modernidade na pequena cidade do interior da Paraíba, mesmo que em uma cadência menor, viveu as transformações geradas pela inserção de signos do moderno em sua paisagem.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é analisar como se deu a chegada da modernidade em Itabaiana, algumas das transformações urbanas que ocorreram na cidade, em suas formas e no seu cotidiano, assim como perceber as contradições que marcaram esse processo, como a visão da mídia acerca do progresso em comparação a realidade vivida pela maioria das pessoas da época. Para tal, serão utilizadas fotografias e recortes jornalísticos, do início do século XX, que evidenciam o que se pretende problematizar.

Compreender a cidade pela lente da História Cultural é analisá-la a partir de suas

representações, sensibilidades, de como ela é vivida, utilizada, de como o poder simbólico emana de suas estruturas, sejam edificadas ou não e entre outras várias perspectivas que as ferramentas do ofício do historiador nos permitem utilizar em nossa operação investigativa. Sendo assim, antes de adentrar na discussão acerca da cidade de Itabaiana e como o dito progresso a afetou, se faz necessária uma breve discussão teórica.

### Reflexões teóricas da História Cultural que circundam a cidade

A cidade remete a uma memória de uma determinada sociedade, mas é interessante discutir sobre qual parcela da sociedade tem sua memória preservada através da formação da identidade social. A partir dessa linha de pensamento, torna-se interessante acrescentar que a representação coletiva é construída por um grupo que compõe a sociedade e que fazem reconhecer sua identidade social através de formas institucionalizadas de poder. Roger Chartier (1991) nos traz que:

*Esse retorno a Marcel Mauss e Emile Durkheim e à noção de “representação coletiva” autoriza a articular, sem dúvida melhor o conceito de mentalidade, três modalidades de relação com o mundo social: de início, o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõe uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais “representantes” (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe. (CHARTIER, 1991. p. 183)*

Interessante observar que Chartier (1991) articula dessa maneira a representação através das mentalidades que constroem uma identidade social representada através de grupos sociais que possuem uma posição simbólica de poder, um poder simbólico mantido por uma cultura dominante que impõe suas visões de mundo para os dominados, sendo assim, a memória coletiva passa a ser ditada, em sua grande maioria, por uma cultura dominante. Sobre o poder simbólico, Bourdieu (1989) aponta:

*A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções. (BOURDIEU, 1989. p. 10)*

Sendo assim, a cultura dominante necessita manipular a mentalidade das classes dominadas através da legitimação do seu poder simbólico. O poder não é palpável, ele é algo representado que necessita da legitimação da sociedade para ter a sua existência. Um poder sem legitimação não cumpre a sua função de dominar. Dessa maneira, o que é imposto pelos dominantes também precisa de certa legitimação do coletivo para poder passar a existir.

No entanto, Chartier (1991) aponta que essa seria só uma das vias que demonstram como ocorre a construção das identidades sociais, essa seria através da “relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma (CHARTIER, 1991. p. 183). A outra via aponta para um recorte social que compreende a representação que cada grupo dá de si mesmo, reconhecendo assim a sua existência e demonstrando a sua unidade e particularidade. O autor aponta que:

*Ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade. (CHARTIER, 1991. p. 183)*

As estruturas sociais e a relação das estratégias simbólicas apontadas por Chartier (1991) tem conexão com as de Bourdieu (1989): as estratégias simbólicas utilizadas por cada classe, grupo ou meio são estruturantes, pois trata-se de instrumentos de conhecimento e comunicação, dessa forma, exercem o poder simbólico que estrutura por ser estruturado (BOURDIEU, 1989. p. 09). Nas palavras de Bourdieu (1989):

*O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama de conformismo lógico, quer dizer, “uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências” [...] Os símbolos são os instrumentos por excelência da “integração social”: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação (cf. a análise durkheimiana da festa), eles tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração “lógica” é a condição da integração “moral”. (BOURDIEU, 1989. p. 10)*

As cidades estão imersas em vários símbolos de poder, carregando consigo uma forte representação de uma classe ou grupo dominante que exerce/exerceu determinado poder

simbólico. Ora, basta atentar para a quantidade de ruas e monumentos com nomes de pessoas que foram, em um determinado tempo, detentoras do poder e dessa maneira acabam por ocupar um espaço de representação no ambiente citadino e muitas dessas estruturas se tornam patrimônios, perpetuando assim a legitimação do poder simbólico, que ficará marcado na memória coletiva dessa sociedade. Toda essa representação através dos símbolos e dos signos torna necessário também abordar sobre o imaginário que circunda a cidade. Tanto a questão da representação quanto o poder simbólico em um certo momento precisa ser pensado, imaginado, uma pulsão criadora precisa surgir nos sujeitos, esta imaginação criadora é o imaginário, que de acordo com Pesavento (1995), não se trata de um ensaio do real, mas evocação que dá sentido as coisas. Sendo assim, quando se pensa na cidade e todas suas representações imbuídas em poderes simbólicos, o imaginário se faz presente nessas manifestações.

A imaginação simbólica acerca dos artefatos mostra a ideia que está inserida no objeto ou na prática. Tal ideia imagina, constrói uma estrutura de significação de sentidos. Pesavento (1995) afirma que pensar nessas questões simbólicas das imagens remete à noção de alegoria, de acordo com a autora:

*Ora, a questão de natureza simbólica das imagens remete à noção de alegoria: a imagem é, pois, a revelação de uma coisa que não ela própria. Pensar alegoricamente implica referir-se a uma coisa mas apontar outra, para um sentido mais além. Mais do que isso, implica realizar a representação concreta de uma ideia abstrata. Subjacente ao que se vê, se lê ou se imagina, a alegoria comporta um outro conteúdo. (PESAVENTO, 1995. p. 22)*

Dessa maneira, pode-se afirmar que todas as representações simbólicas das cidades estão ligadas ao imaginário coletivo. No entanto, é necessário ressaltar que o simbolismo construído pela sociedade não é estruturado de maneira livre, ele está sob responsabilidade das, como diria Bourdieu (1989), estruturas detentoras desse poder simbólico. O processo de formação do imaginário coletivo contém manifestações e interesses precisos, é necessário ressaltar que o imaginário social é uma das forças regularizadoras da vida coletiva, normatizando condutas e pautando perfis adequados ao sistema (PESAVENTO, 1995. p. 23).

Dentro do que é perpetuado pela cultura dominante, um fetichismo pelo “progresso” obtido através da modernidade é recorrente no ambiente urbano. A cidade, de fato, é um ambiente que inspira o progresso, uma vez que ela é um ambiente em constante processo de transformação, de reestruturação. No entanto, quando se reestrutura a cidade, o poder é conservado nas mãos daqueles que já o mantém, paradoxalmente se tem um “progresso conservador”, as estruturas estruturantes se mantêm as mesmas, mas com uma roupagem moderna.

A modernidade pode ser entendida à luz de Walter Benjamin (2021) que ao escrever sobre a trajetória de Baudelaire, passa a refletir sobre a questão da modernidade na vida citadina. Parte da vida desse poeta, narrada por Benjamin, é o retrato de um indivíduo que foi engolido pela modernidade em seu próprio corpo e passa a ter uma ideia profunda acerca do conceito.

Benjamin (2021) aponta que “o moderno opõe-se ao antigo, o novo ao sempre igual” (BENJAMIN, 2021, p. 179). Dessa forma, o moderno é algo mais profundo e não apenas o que se entende no saber comum de “novidade”. Ao trazer as reflexões sobre *As flores do mal* de Baudelaire, Walter Benjamin consegue aprofundar-se nesse conceito. O autor afirma que:

*Em Baudelaire, o “moderno” não assenta única e principalmente na sensibilidade. Nele exprime-se uma espontaneidade suprema; a modernidade é em Baudelaire uma conquista, tem uma armadura. Parece que só Jules Laforgue viu isso, ao falar do “americanismo” de Baudelaire. (BENJAMIN, 2021, p. 158)*

A “conquista” da sociedade, como aponta Baudelaire. No entanto, não é uma conquista pacífica, ela acontece através de conflitos para que se estabeleçam as mudanças, em meio social, político, econômico e cultural. Benjamin aponta para uma armadura sob posse da modernidade, que, segundo o autor, trata-se da alegoria (BENJAMIN, 2021, p. 179). Sendo assim, para esclarecer o significado dessa alegoria, Benjamin retoma a Baudelaire e afirma que: “A alegoria de Baudelaire - ao contrário da do Barroco - traz as marcas da cólera, indispensável para arrombar as portas deste mundo e deixar em ruínas as suas contribuições harmoniosas.” (BENJAMIN, 2021, p. 168).

Sendo assim, de acordo com a visão de Benjamin, a modernidade veio para transformar, de maneira violenta, a cidade e todo o seu contexto. O fazer e o viver a cidade mudou de forma drástica, o cotidiano passaria a sofrer mudanças com a mesma marca da cólera causada pela chegada da modernidade.

Ao tratar de modernidade e entender o que vem a ser o “moderno”, a ideia de progresso logo vem à tona na discussão. Nesse contexto, Walter Benjamin (2021) ao falar sobre o conceito de progresso, postula que:

*O conceito de progresso tem de assentar na ideia da catástrofe. Que as coisas “continuem como estão”, é isso a catástrofe. Ela não é aquilo que a cada momento temos à nossa frente, mas aquilo que já foi. O pensamento de Strindberg: o inferno não é nada que tenhamos à nossa frente - é esta vida aqui em baixo. (BENJAMIN, 2021, p. 181)*

A ideia de permanência de ordem é vista como catástrofe pelo autor, dessa forma, a

ideia de progresso vai de encontro à catástrofe, por isso Benjamin mantém as duas ideias em conjunto, pois, o conceito de progresso tende a fugir dessa catástrofe que seria a permanência da ordem e para o progresso existir, essa ordem precisa ser quebrada.

A ordem também é uma ideia a ser discutida, a qual, segundo Benjamin (2021), se trata de uma ideia postulada por uma classe dominante e que se modifica com o tempo. O autor faz uma analogia com um caleidoscópio para exemplificar seu pensamento:

*O processo da história, tal como se apresenta no conceito da catástrofe, não pode solicitar mais atenção do pensador que o caleidoscópio nas mãos de uma criança, no qual a cada rotação tudo que estava em ordem se desmorona para formar outra ordem. A imagem tem a sua razão de ser, e bem fundada. Os conceitos dos dominantes foram sempre os espelhos graças aos quais se formou a imagem de uma “ordem”. O caleidoscópio tem de ser quebrado. (BENJAMIN, 2021, p. 156)*

Dessa forma, ao quebrar o caleidoscópio, a ordem vigente guiada pelos dominantes (espelhos) passa a ser reestruturada, seu poder simbólico é transferido para uma nova ordem, suas representações passam a obedecer a um novo olhar, o cotidiano é modificado e assim se tem essa ideia de progresso ao fugir da dita “catástrofe” que seria a permanência da ordem.

Entende-se que outra gama de conceitos adentra na abordagem da História Cultural, no entanto, esse trabalho irá se manter nesse embasamento teórico apresentado até então. Sendo assim, abre-se espaço para a análise do que se propõe nesse trabalho: a questão da modernidade na cidade de Itabaiana e suas tensões.

### **A cidade de Itabaiana e suas transformações: formação, cotidiano e os impactos da modernidade**

Situada na região do agreste paraibano, Itabaiana atualmente conta com uma média de 24 mil habitantes<sup>31</sup>. Sua origem remonta do século XVII, quando parte da região onde hoje é território de Itabaiana foi ocupada por proprietários rurais. Já no século XVIII, sesmarias nessa região foram concedidas a alguns sesmeiros, dessa maneira, o povoado de Itabaiana teve seu início a partir de fazendas de criação de gado. No final do século XIX, em 1890, Itabaiana teve sua emancipação política em relação a cidade de Pilar<sup>32</sup>, da qual ela foi distrito.

Um dos fatores que infringiu um grande impacto no cotidiano itabaianense foi o seu aspecto econômico. Durante os anos de 1881 a 1885, quando Itabaiana passou a sediar a

<sup>31</sup> Informação baseada no Censo Demográfico de 2020.

<sup>32</sup> A cidade de Pilar, na Paraíba, teve sua origem em 1630, a partir de um povoamento organizado pelos holandeses em sua estadia na América do Sul.



comarca do Pilar, suas transações comerciais aumentaram bastante, principalmente nas terças-feiras, dia escolhido pelo prefeito para vir da vila de Pilar despachar os papéis na sua nova sede que era em Itabaiana.

A feira era o eixo polarizador das atividades econômicas de Itabaiana e de qualquer lugarejo nessa época, gerando assim um forte impacto no cotidiano da cidade, pessoas de várias localidades passaram a ir na cidade às terças-feiras para usufruir da feira, o trânsito de pessoas e mercadorias se tornava mais intenso nesse dia, dessa forma, é possível afirmar que essa escolha política de modificar a realidade econômica da cidade acaba por afetar também o seu aspecto social e cultural, uma vez que os transeuntes irão trocar, além de mercadorias, práticas culturais entre si.

O cotidiano vai se formando aos poucos, em um processo contínuo de mudança, constituindo assim, um conceito dinâmico e nunca estático. Apesar de ser sobre uma prática, algo imaterial, o cotidiano passa a ser apreendido através dos materiais, como o vestuário, os alimentos, os meios de transporte, indústrias, fazendas e tudo aquilo que foi instrumentalizado e construído pelo homem. O contato dos cidadãos com a materialidade da cidade deixa em evidência o *modus vivendi* do ambiente urbano. Para reforçar essa reflexão, pede-se suporte a Cabral Filho (2009):

*Acreditamos que a ênfase no material contribui para que se possa colocar, no primeiro plano da História, os homens e as mulheres em suas experiências mais amplas. O seu contato direto com a materialidade reflexa nos objetos componentes do seu mundo dá margem para que pensemos nas condições de trabalho e de vida, mas também nos desejos, nas necessidades e nas possibilidades de satisfazê-las ou não. Os objetos utilizados pelas populações, as relações homens/coisas, nas mais diversas sociedades, são elementos que nos permitem interpretar tais sociedades, pois estes objetos servem como indicativos para as alterações sócio-econômicas sofridas, assim como as alterações e as permanências de natureza cultural e mental. (CABRAL FILHO, 2009, p. 139)*

Sendo assim, a cultura material torna possível entender as alterações na sociedade ao longo do tempo, os variados elementos materiais que compõe uma cidade, ao serem observados em um determinado recorte temporal, demonstram uma mudança comportamental na sociedade, seja essa mudança de cunho cultural ou das mentalidades, como sugere o autor citado anteriormente. Dessa maneira, na cidade de Itabaiana chegam aspectos do moderno que modificam a realidade itabaianense.

Com grande fluxo de pessoas e mercadorias, em Itabaiana algumas pessoas forneciam o trabalho de transporte de mercadorias através de carroças de boi que chegavam constantemente à cidade, trazendo fardos de lã, dos descaroadores das fazendas, não só dos municípios, como também dos vizinhos (MAIA, 2015, p. 136). A carroça com tração



animal não era novidade, muito menos para o início do século XX, todavia, com a chegada da estação ferroviária da *Great Western Brazilian Railway*, o cotidiano desses pacatos carroceiros foi modificado.

O trem chega em Itabaiana em 1901, como um signo do moderno, e altera toda a dinâmica citadina. Os carroceiros protagonizaram alguns conflitos por carga, como conta Maia (2015):

*Na estação da G.W.B.R., após o descarrego, os ronceiros veículos eram novamente lotados com as mercadorias recém-chegadas os últimos trens de carga. A disputa era tal. Ninguém querendo voltar batendo. As vezes, acaloradas discussões levavam os carroceiros às vias de fato. (MAIA, 2015, p. 136)*

Interessante perceber como a chegada do trem já modifica as práticas do cotidiano da cidade, os carroceiros que antes eram transportadores de fardos de lã oriundos das fazendas próximas passam a disputar carga para revenda na estação ferroviária, nesse fato singular já se nota uma mudança no cotidiano desses habitantes. A lã deu espaço aos mais variados produtos que passaram a ser oferecidos pelos carroceiros: ferragens, calçados, chapéus, miudezas, farinha de trigo, bebidas, fardos de carne de charque, peças de roupa, medicamentos (MAIA, 2015, p. 317). As carroças de boi e seus condutores passaram a fazer uma rota pela cidade, distribuindo essas mercadorias e passavam a fazer parte do cotidiano dos cidadãos que os avistavam diariamente. Antes da intervenção do moderno era mais comum ver as carroças de boi em dias de feira ou trazendo os fardos de lã das fazendas, após a chegada do signo do moderno, o trem, o tráfego dessas carroças passaram a obedecer ao itinerário do transporte de ferro.

Não apenas o cotidiano econômico se modificou com o aumento do tráfego de carroças levando e trazendo mercadorias dos trens, as crianças também passaram a somar em seus meios de diversão o reconhecimento das carroças. Sabiniano Maia (2015) narra o seguinte episódio:

*A meninada de então, disputava entre si, maiores conhecimentos deles, identificando-os à distância pelo toque característico da campã, que cada um trazia sempre ao pescoço. Debaixo de uma castanhola, na rua Grande, em frente ao hotel de D. Chiquinha conversavam os garotos: - lá vem, da rua do Rio, o boi "Pintor", o boi de seu Yoyô, ao que outro objetava: este som que ouvimos é o da campã do boi de seu Zuza - o boi "Moleque", que vai passando lá na praça do Mercado; e aquele apontou na igreja, vindo da estação? Ah! Já sei, dizia algum do bando: juro que é o boi "Pintado", de Quinca Prudêncio, o da Boca da Mata. (MAIA, 2015, p. 138)*

A mudança do cotidiano fica evidente, as práticas dos carroceiros são modificadas, o que os fazem trafegar com maior constância e isso, por sua vez, altera o cotidiano daqueles

que são espectadores desses agentes do fluxo econômico da cidade. As crianças passam a adaptar sua diversão para a nova realidade moderna trazida pelo trem.

A cidade passa a adaptar sua estrutura para a estrada de ferro, o crescimento de pontos comerciais no entorno da linha de trem foi notável, a facilidade no transporte de cargas faz com que a cidade passe a ter duas pequenas indústrias: um curtume e uma fábrica de sabão e velas, ambas próximas a ferrovia, para facilitar a carga e descarga de mercadorias. Logicamente que essa modernidade não afeta apenas a parte econômica da cidade, a cotidiano e, conseqüentemente, a cultura do itabaianense serão modificados por esse artefato.

As distâncias são encurtadas, a informação chega mais rapidamente, assim como a tecnologia, trazendo o “progresso da modernidade”. A energia elétrica, por exemplo, tem sua chegada à cidade de Itabaiana por intermédio do trem, que facilita o transporte do material necessário para sua instalação, dessa forma, Aranha (2006) ao citar Maia (1977) traz que:

*Na Paraíba, por exemplo, as primeiras experiências com energia elétrica remontam ao ano de 1912, sendo levadas a efeito em Itabaiana e na capital do Estado em 9 e 15 de março, respectivamente, sendo motivo de orgulho para os itabaianenses o fato de sua cidade contar com a decantada novidade seis dias antes da capital (MAIA, 1977, p. 218 apud ARANHA, 2006, p. 98)*

A ideia de progresso oriunda da chegada da eletricidade logicamente causa um forte impacto no cotidiano da cidade. A vida noturna passa a ter mais movimento, alguns confortos que anteriormente não se tinham passam a ser proporcionados por esse artifício do moderno para algumas camadas da sociedade.

O novo chega com a face do progresso e trazendo muitas vantagens à primeira vista para a cidade, no entanto, torna-se necessário perceber também que essa modernidade não surge para ajudar todos os que irão usufruir dela, alguns sofrerão algumas perdas com essas mudanças nos modos de viver.

Em 1914 chegam a Itabaiana os bondes puxados a burro, com um pouco de atraso em relação à cidade do Recife<sup>33</sup>, que os teve desde 1870 para trazer conforto e velocidade não apenas para o transporte de pessoas, mas também para os negócios, os senhores de engenho passaram a utilizar desse transporte que, assim como trem, utilizava de trilhos, porém, era puxado por apenas uma parelha de burros (MAIA, 2015, p. 141). O ano de chegada dos bondes a burro em Itabaiana é marcado pela substituição deles por elétricos em Recife que ao substituí-los, os vendeu para as cidades próximas, entre elas, Itabaiana.

<sup>33</sup> A cidade do Recife foi a primeira do nordeste a celebrar, em sua vasta área de influência, os decantados elementos da vida moderna e isso faz com que facilmente se incorpore ao imaginário urbano nortista como a mais cosmopolita das cidades a nível regional (ARANHA, 2006, p. 74).

Logo de início, os bondes modificam a paisagem da cidade, que passa a receber trilhos que cruzam o seu centro. Essa mudança já causa uma nova percepção de modernidade na mentalidade cidadina e faz com a chegada nesse novo artefato moderno seja sentido no cotidiano dos habitantes que, anteriormente, não estavam habituados a ver tal transporte trafegando pela cidade, transportando cargas de mercadorias e passageiros. A ideia de progresso vai sendo formada pela chegada desses itens modernos e pela visão de uma elite local que buscava criar e legitimar a sua própria visão de progresso.

Imagem 1: Vista da Av. Presidente João Pessoa com os trilhos dos bondes puxados a burro (1910-1920).



Fonte: Acervo próprio.

Os bondes trazem mais um elemento do moderno na tentativa de legitimar a ideia de progresso da cidade de Itabaiana, que já era citada como a mais adiantada do interior paraibano, sendo dotada de calçamento, arborização, luz elétrica, água encanada, telefone e jardins (MAIA, 2012, p. 143). Dessa forma, estava apenas faltando à cidade um serviço de transporte público, onde entram os bondes, que preenchem essa lacuna.

O cotidiano é mais uma vez afetado pelo progresso da modernidade. O ritmo da cidade foi modificado pela chegada dos bondes, que inseria um novo transporte na realidade cidadina, com uma maior velocidade e eficiência no transporte de cargas, o bonde causou o declínio das carroças de boi. Dessa forma, os carroceiros precisaram adaptar seu cotidiano ao novo que chegou.

É perceptível que ao longo do seu processo de modernização, a cidade de Itabaiana passou por amplas transformações efetuadas a partir da chegada dos novos itens do dito progresso. No entanto, tais transformações foram imersas em várias contradições, pois,

não foi o melhor cenário para todos. Os carroceiros, por exemplo, perderam seu espaço para os bondes. Muitos comerciantes locais, perdem seus espaços com a chegada de novos produtos vindos das grandes metrópoles. Nesse sentido, indaga-se: progresso para quem? Sendo assim, visto algumas das transformações ocorridas na cidade de Itabaiana, torna-se possível discutir acerca da indagação feita.

### **“Progresso para quem?”: a visão da mídia itabaianense diante das novidades oriundas do progresso e suas contradições**

Como dito no primeiro tópico desse trabalho, o poder simbólico faz com que a representação do real a ser perpetuada através da escrita seja, em sua grande maioria, a versão dos dominantes. No caso do Brasil do início do século XX, uma elite letrada, a qual, diga-se de passagem, era a minoria da população.

Nesse sentido, tantos os jornais como os trabalhos de memorialistas de uma época posterior fazem com que sejam emanadas essas visões da elite acerca do progresso. Obviamente, o historiador, ao inquirir suas fontes, consegue extrair indícios de intencionalidades em várias narrativas, principalmente aquelas feitas pelos jornais da época. Quando se analisa uma fonte, é importante saber, caso seja possível, o lugar social do autor da fonte, pois, por muitas vezes, a camada social do autor acaba sendo impressa em suas narrativas.

Os jornais que circularam em Itabaiana no início do século XX, mais precisamente em 1908, falam bastante sobre o progresso na qual a cidade estava imersa. Antes de apresentar os recortes jornalísticos, é preciso levar em consideração alguns pontos. O primeiro ponto diz respeito ao contexto da mídia jornalística em 1908, que apresentavam um posicionamento político explícito, sendo possível encontrar algumas bajulações políticas no corpo dos jornais. O que não era tão espantoso para a época, tendo em vista que, na Constituição de 1891, o voto não era secreto, logo, não teria vantagens relevantes em manter o texto jornalístico imparcial. Pelo contrário, manter o jornal com lado político explicitado, servia para conquistar o apoio político e financeiro de muitas personalidades influentes.

Nesse contexto, o jornal intitulado *O Município*, surge em Itabaiana no ano de 1908, tendo como data de inauguração o dia 24 de maio de 1908, data simbólica para a cidade, pois faz referência à vitória republicana da Confederação do Equador, da qual os seus cidadãos sentem orgulho. Reforçando o que foi dito anteriormente, esse jornal demonstrava logo em sua abertura, que tinha como objetivo tratar de assuntos políticos, estampando na abertura o seguinte *slogan*: “órgão político, litterario e noticioso”. Sob a administração de J. d’Albuquerque, o impresso tinha a periodicidade semanal.

Ao analisar esse impresso, percebe-se que, pelo teor do seu conteúdo, seria um jornal voltado para as elites locais. No corpo de suas edições é possível encontrar várias tentativas de enaltecimento para pessoas que possuíam um poder de influência relevante na cidade, como é o caso do Dr. Heráclito Cavalcanti, juiz da cidade, que sempre surgia nas páginas do jornal, sendo enaltificado de diversas formas. Ora, nas primeiras décadas da república brasileira, o letramento não era algo comum, uma pessoa das camadas sociais mais baixas e alfabetizada era bastante rara de se encontrar. As pessoas que sabiam ler, no geral, eram pessoas privilegiadas, que geralmente eram membros de uma elite local, militares ou membros eclesiásticos. Nesse sentido, compreende-se de que o jornal não tinha um público muito variado de leitores e focou na camada social que provavelmente iria ler o material publicado.

Tendo em mente que o anseio pelo progresso no Brasil era uma característica comumente presente na elite dominante, detentores do poder, é possível compreender as tentativas do jornal *O Município* em trazer matérias que abordassem temas que trouxessem essa questão para os leitores. A narrativa trazida pelo jornal, de certa forma, representa a mentalidade não só daqueles que escrevem, mas também dos que consomem o produto. Dessa forma, percebe-se que a busca por legitimar a cidade de Itabaiana como uma cidade moderna, na qual o progresso havia chegado e agora ela vivia um ar de cidade europeia era algo recorrente no impresso.

Na edição de 07 de junho de 1908, que foi a terceira do impresso, ocorre algo que transmite muito bem essa mentalidade. Um viajante chamado João Demétrio esteve na cidade de Itabaiana e escreveu notas de viagem acerca da cidade, enaltecendo o seu progresso. O viajante relata que:

*Bella cidade da terra parahybana... Edificada n'uma grande planície, a margem de um rio de águas límpidas e serenas, gosando as delicias de um clima europeu, o aspecto de Itabayanna agrada ao primeiro lance de vista e logo empolga a atenção do visitante. As suas ruas largas e extensas, assim com uns ares de avenidas, primam antes de tudo por uma limpeza digna de nota, provando a evidencia que os dirigentes da terra cuidam zelosamente da saúde pública, tão descurada por ahi além. As casas, pelo menos na parte exterior, mostram-se limpas e bem conservadas, sendo de lamentar que não obedeçam a irrprensivel alinhamento, defeito este aliás muito notável nas próprias capitaes, geralmente edificadas sem traçado prévio. Para exemplo dessa asserção bastaria citar o Rio de aneiro, antes da reforma gigantes por que fel-o passar esse extraordinário brasileiro que se chama Pereira Passos. [...] (JORNAL O MUNICÍPIO, 1908)<sup>34</sup>*

34 Algumas palavras encontram-se com erros de grafia na transcrição pelo fato de problemas de identificação na fonte original, que não se encontra com sua integralidade intacta.

Esse trecho do relato é interessante por cristalizar a visão que se buscava legitimar da cidade de Itabaiana. O escritor, João Demétrio, compara o clima da cidade de Itabaiana, no agreste paraibano, com o europeu, o que, pelo contexto, pode ser entendido como uma tentativa de elogiar a cidade, uma vez que as cidades europeias eram a vitrine da modernidade para o mundo e a elite brasileira buscava mimetizar todos os aspectos possíveis para buscar legitimar o progresso alcançado. Inclusive, a visão do autor reflete uma mentalidade eurocentrista, onde o bom é o modelo europeu e a meta para o progresso e o avanço é conseguir se equiparar a Europa, mesmo que seja no clima.

O escritor, aparentemente ficou impactado com a limpeza da cidade, no entanto, o incomoda o fato de as casas não terem o alinhamento uniforme, o que ele julgou como lamentável. O alinhamento uniforme só era possível de se ver em cidades projetadas, seja em sua totalidade ou aquelas que sofreram uma ampla modificação como a Paris de Haussmann na segunda metade do século XIX ou o Rio de Janeiro de Pereira Passos, no início do século XX.

O enaltecimento pelas reformas executadas pela gestão de Pereira Passos no Rio de Janeiro comprova que a narrativa de João Demétrio tem um teor elitista. O autor demonstra unicamente a sua preocupação com a estética e o embelezamento da cidade, não parecendo se importar com os grupos sociais que seriam afetados para alcançar os aspectos de cidade moderna. Uma visão oriunda do pensamento higienista que ainda influenciava a mentalidade da época, principalmente das camadas mais altas, onde, por mais que se desejasse um alto grau de saneamento na cidade, acabava por criar situações que favoreciam a segregação das camadas mais baixas, como ocorreu com o chamado “Bota-abaixo” da gestão de Pereira Passos.

A visão de João Demétrio acerca da cidade de Itabaiana não era singular, o próprio corpo editorial do jornal *O Município* compactuava dessa visão, tanto que dedicaram uma boa parte do seu limitado caderno de notícias, que possuía apenas quatro páginas, para publicar toda a carta do visitante. No entanto, mesmo o jornal buscando enaltecer sempre que possível o dito progresso da cidade e seus aspectos modernos, ela ainda carecia de melhorias para que conquistasse o ritmo de uma cidade moderna, um desses pontos era o trem diário. O fato de a *Great Western* não ter possibilitado percursos de trens diariamente aborrecia profundamente os redatores do jornal *O Município* que utilizou do espaço do caderno de notícias, repetidas vezes, para exigir uma maior frequência de trens.

A edição de 07 de junho de 1908, traz já em sua capa o apelo:

[...] Não se explicam com sólidas razões os motivos determinativos da ausência



*dos trens diários nesta cidade desde que apenas um pequeno trecho, isto é, do entroncamento a Timbaúba, não goza desse serviço, de tantas vantagens para o público, e principalmente para o comércio. As cidades de Guarabira e Alagoa Grande, não são núcleos de mais importância commercial que Itabayanna e entretanto tem os seus trens diários, satisfazendo assim as necessidades daquellas zonas. Ocorre ainda que logo ao começar a safra temos trens de carga diariamente, de modo que, nem mesmo aumento de despesas para a Great Western, poderão produzir os trens diários desde que seja bem organizado o serviço [...] Si quizermos argumentar com cifras veremos que em o penúltimo anno forão despachadas nesta cidade cerca de 60000 saccas de algodão sem falar em outros produtos de nossa indústria com sejam gados, couros, courinhos, mamona etc. Qual cidade do interior ostentará mais desenvolvido commercio! [...] (O MUNICÍPIO, 1908)*

Nesse sentido, percebe-se que a cidade de Itabaiana, mesmo que tenha um posicionamento geográfico favorável, perto de grandes centros urbanos, a *Great Western* preferiu não utilizar diariamente o percurso, sendo esse utilizado com maior frequência em períodos de safra devido à alta demanda de transporte de cargas. O argumento utilizado pelo autor do texto representa uma perspectiva que a camada social média e alta tinha da cidade, um centro urbano do interior do estado da Paraíba que possuía um comércio bastante desenvolvido, com itens variados e que gerava indignação cidades como Guarabira e Alagoa Grande, também na Paraíba, terem trens diários e Itabaiana não.

Entende-se que a cidade estava passando por uma modernização em alguns aspectos, mas o rural não havia deixado o espaço urbano. Inclusive, o encontro do rural com o urbano na cidade de Itabaiana era comum também no contexto da própria *Great Western*, já que as estações de trens contavam com a presença de animais que não são comuns em cidades onde a modernidade já estava consolidada. Na edição do jornal *O Município* de 19 de julho de 1908, onde o redator repete a reclamação acerca dos trens, ele complementa com um dado não visto no texto anterior, onde fala que:

*Além disso temos uma estação onde saltam passageiros com porcos e galinhas numa confusão entontecedora; e não poucas vezes, vemos os passageiros chegarem com o lenço no nariz para evitar uma desagradável sensação. Não há uma sala para passageiros de primeira classe! (O MUNICÍPIO, 1908)*

Nesse trecho existe uma distinção de classes sociais. O autor chama atenção para um ocorrido, aparentemente recorrente, de pessoas que transportam consigo animais que deveriam estar na região rural ou serem transportado pela terra. Nesse sentido, é possível perceber que se trata de pessoas de classes distintas, a primeira citada, o passageiro com animais, possivelmente pertence à camada social mais baixa do que a pessoa do lenço, que ao externar o seu incômodo com o cheiro dos animais, leva um lenço ao nariz para evitar a náusea. A prática do lenço, notoriamente, diz respeito a pessoas de camadas médias ou



altas, uma vez que se trata de um comportamento emulado da alta sociedade europeia.

O posicionamento do autor fica evidente no final da sua fala, ao demonstrar indignação na ausência de uma segregação de passageiros. O autor através de sua indignação acaba por sugerir a criação de uma sala para “passageiros de primeira classe”, os quais seriam, provavelmente, membros da elite local. Tal apelo não parte unicamente da equipe que formula o impresso, uma vez que essas pessoas estavam em constante contato com membros de grande influência na cidade, que detinham o poder, dessa forma, esse contato constante fez com que esses habitantes da elite expressassem suas queixas ao jornal, que prontamente publicou o apelo em suas páginas.

O progresso chegou em um ritmo não tão acelerado na cidade de Itabaiana, o trem foi ofertado a todos, no entanto, a ausência de uma distinção de público incomodava a elite local, que ansiava por uma divisão de espaço, tendo o vagão dos ricos e o vagão dos pobres. As pessoas da camada mais baixa da sociedade se tornavam invisíveis para os jornais da época tratada. Uma população não-dita, não-mencionada, silenciada. Quando surge alguma menção a algum membro das camadas baixas, é buscando demonstrar que agem com barbárie, pessoas não civilizadas.

A visão que a elite tinha do progresso e da modernidade é verbalizada em outro jornal da época. No jornal intitulado de *O Jornal*, também de Itabaiana, na edição de número 22, de 18 de junho de 1916, é possível encontrar um recorte que demonstra o que a camada mais alta da sociedade esperava extrair do progresso. Segue a transcrição:

*O luxo hoje é encarado bem diferentemente como se olhava há séculos passados fundamentando-se essa opinião nos conceitos da economia política da época e nas homilias da moral religiosa da Igreja de S. Pedro. Actualmente, uma sociedade simples, parcimoniosa e parca, é incontestavelmente, uma sociedade decadente ou incivilizada e, fatalmente, ridícula e naturavel. Conhece-se o gráo do aperfeiçoamento do progresso de um povo pela elegância de seus vestuários, pelo luxo nas pompas da diversidade de sua indumentária. Semelhante ao conceito de Brillat-Savarin sob o ponto de vista da alimentação, se poderá dizer que o nível de cultura de uma sociedade se poderá medir também pela forma de seu vestir, pelo luxo de seus estojos, pela sumptuosidade de seus ornamentos. Ademais, o conceito econômico moderno verdadeiro é o de Macleod tam ardentemente defendido por Lagardette: “o trabalho é a produção da riqueza que tem o luxo como fim único”. E, como se pode a traçar os limites entre a necessidade e o luxo se este poderia ser adquirida, pelo gráo de civilização a que atingimos, por um pequenino espaço econômico? E, bem de ver ainda que o luxo é olhado muitas vezes como a cristallisação da suprema beleza material determinada pelo espírito da época e a mais forte aspiração humana é gozar indefinidamente a beleza em todos os seus deslumbramentos. Ve-se pois que é totalmente impossivem por-se um crivo nessa expansão do gozo estético da humanidade civilizada e a tendência moderna*

*e apenas a “disciplina higienica e esthetica das satisfações”. A Igreja, porém, ainda hoje se insurge contra o luxo e contra a moda da alta burguezia moderna, fazendo ver que a christandade deve negar as pompas de Satanaz, segundo expressões dos doutores do Christianismo... Mas, assim procedendo, a Igreja se esquece que está pregando a depressão moral da sociedade, desejando seu estacionamento comercial, industrial e artístico e a sua conseqüente expansão vital, anhelando fazer murchar a glorificação da belleza humana e a alegria de se querer viver... (O JORNAL, 1916)*

Ao observar esse trecho, percebe-se uma definição do que a elite considerava como progresso. Na visão dessa camada social, aparentar estar “elegante” demonstrava o estatuto de progresso. Interessante observar toda a atenção que o autor buscou dedicar para legitimar o “luxo” e as “pompas” como formas de progresso, quando na realidade, esse tipo de “progresso” só chegaria para a elite, uma vez que as camadas mais baixas não teriam acesso a esse tipo de vivência. Chama atenção o fato de o autor ter confrontado a visão da Igreja sobre a questão do luxo, a instituição condenava a busca do luxo em demasia, no entanto, o autor afirma que isso traria um colapso social, econômico e cultural, pois, segundo ele, não usufruir do luxo e viver com suas pompas traria a “depressão moral da sociedade”, “o estacionamento comercial, industrial e artístico”, o que faria “murchar a glorificação da beleza humana e a alegria de se querer viver”.

A busca pelo que se classificava como belo e luxuoso não é por acaso. A mentalidade de que os valores europeus deveriam estar presentes no Brasil para só assim o país ser considerado moderno estava, em 1916, muito mais enraizada do que em 1908, principalmente nas camadas mais altas como as elites locais que usufruíam mais desses produtos e serviços tidos como signos da modernidade e do progresso. Percebe-se que, com o passar do tempo, a busca em emular os europeus foi contínua por parte da elite.

O poder simbólico atrelado à elegância e às pompas luxuosas para representar o progresso demonstra um pensamento elitista que segrega a grande maioria da população que não tinha acesso a esses tipos de produtos. Leva-se a se pensar no que se buscava ao se publicar um texto em um jornal local com esse teor. Ora, logicamente o que se estava a procura era legitimar o *modus vivendi* da elite local de Itabaiana como algo louvável e admirável, uma vez que era visto como algo atrelado ao progresso e ao moderno. Trata-se de uma reafirmação do poder simbólico da elite nesse quesito.

O progresso, como foi dito no primeiro tópico desse trabalho, deve ser visto como uma força transformadora que quebra a ordem e gera seus impactos em todas as camadas da sociedade. No entanto, o que se observa na visão das elites é uma espécie de progresso conservador, por mais paradoxal que isso possa parecer. Os membros dessa camada buscam legitimar o progresso através do simbolismo atrelados, por eles mesmos, a alguns signos

do moderno. No caso da citação, esse signo adotado foi a moda.

Imagem 2: Bonde de tração animal na praça da cidade de Itabaiana - PB (1928).



Fonte: Acervo próprio.

A fotografia acima retrata um momento em que o bonde de tração animal parou para que as pessoas desembarcassem. Mesmo se tratando de uma fotografia com uma década a mais que a citação anterior, ela representa muito bem o que o autor do texto supracitado buscou demonstrar. Na fotografia observa-se que as pessoas que desembarcam do bonde estão com as vestimentas tidas como elegantes para a época: terno e calça social de cores claras para o turno diurno. Na mesma imagem é possível ver que as pessoas que observam de longe, que também podem ser aqueles que tratam dos animais no momento da pausa, estão trajados de maneira diferente, de camisas e calças com suas extremidades dobradas para facilitar a mobilidade demandada do trabalho e de pés descalços, tratam-se de pessoas de camadas mais baixas, que só observam o bonde de longe, não usufruindo desse aspecto da modernidade e sim servindo para que ele funcione em sua plenitude para que a elite possa se sentir luxuosa e elegante como exige o progresso.

Tendo em mente tudo o que foi demonstrado nesse tópico, volta-se para a questão que o intitulou: “Progresso para quem?”. Percebe-se que o processo de modernização da cidade de Itabaiana gerou, de fato, impactos no cotidiano de todos aqueles que usufruíam do ambiente urbano. No entanto, percebe-se uma forte contradição na chegada dessa modernidade que veio para simbolizar o progresso, que consiste no fato de que nem todos gozavam dos privilégios dos itens e práticas trazidas nesse período. Os recortes jornalísticos e as fotografias apresentadas demonstram que as melhorias foram relativas, pois não se tratava de melhorias para todos e sim para a elite que tinha condição financeira de usar e utilizar dos novos itens que chegavam, como foi demonstrado na Imagem 3.

Na realidade, para alguns foi tido como algo negativo, como o caso dos carroceiros citados

no tópico anterior, que tiveram suas demandas de trabalho reduzidas diante da chegada do bonde e do trem na cidade. As camadas mais baixas utilizavam dos signos do moderno de formas diferentes da elite, por vezes para otimizar o transporte de animais, o que incomodava a elite que dividia o espaço, como também no processo de manutenção, seja nos trens ou nos animais que puxavam os bondes. Dessa forma, percebe-se que enquanto a elite utilizava do progresso para seu conforto e lazer, as camadas mais baixas utilizavam como forma de adaptação do trabalho. É possível, inclusive, que os carroceiros que perderam seus espaços para os trens e os bondes tenham se tornado funcionários das empresas que os substituíram.

Sendo assim, é possível afirmar que o progresso chegou na cidade de Itabaiana, mas não aquele dito por Benjamin (2021) no primeiro tópico desse trabalho, que transforma as estruturas da sociedade e abala as representações do poder simbólico das elites, o que chegou na cidade foi o progresso idealizado pela elite, que introduz os signos do moderno mas que não ocorre uma mudança nas estruturas sociais, apenas uma adaptação ao novo cotidiano, que continuou consistindo na lógica anterior: pobres trabalhando para que os ricos possam usufruir do luxo oferecido pela época.

### **Considerações finais**

A cidade de Itabaiana sofreu as modificações trazidas pelo progresso de modo que o modo de se viver e ver a cidade foi completamente modificado do que foi outrora. No entanto, o modelo de modernidade e progresso almejados, o parisiense, não foi alcançado. Dessa forma, se teve um processo de modernização urbana que não atingiu toda a cidade, o cenário urbano continuou com um amplo contato com o rural em seu cotidiano e a agitação das grandes metrópoles ficou para os grandes centros urbanos da região, como João Pessoa - PB e Recife - PE.

Em Itabaiana tiveram avanços tecnológicos, como os trens, os bondes, a energia elétrica e a água encanada, elementos que são oriundos de um progresso notável para a cidade. Ainda assim, também era possível continuar observando os carroceiros, mesmo que em números reduzidos, trafegando pela cidade. Ou perceber também pessoas transportando animais oriundos da zona rural em pleno trem de passageiros. É possível afirmar que o contato, recorrente, do rural com o urbano evidencia uma modernidade de cadência bem mais lenta e gradual do que as das grandes cidades, que acontece de modo rápido e súbito.

Mesmo que não tenha atingido a dimensão da modernidade dos grandes centros urbanos, esse tipo de modernidade também trouxe tensões na sociedade itabaianense. Tais tensões residem exatamente nos pontos onde se percebe que: os avanços trazidos pelas reformas

modificaram drasticamente o modo de se viver a cidade para todos, mas de formas bastantes distintas. Percebeu-se que a elite teve sua mentalidade acerca das mudanças criadas pelas suas experiências com as novas tecnologias que chegavam, mas também foi guiada por um *worldbuilding*<sup>35</sup> da mídia, que tratava de buscar enaltecer a cidade e torná-la comparável as metrópoles europeias.

Essa elite, usufruiu de todas as vantagens possíveis do contexto da época, o que colaborou para a criação da mentalidade demonstradas nos recortes dos jornais, que evidenciou o traço segregador da elite local ao demonstrar a indignação dessas camadas com a presença de pessoas de camadas mais baixas no mesmo vagão de trem, assim como também foi possível perceber a busca por um simbolismo do progresso com a busca pelo luxo, artigo inalcançável para os mais pobres.

Já os mais pobres, são invisibilizados pela mídia e quando surgem, são expostos de maneira jocosa por uma mídia elitista. Tais pessoas também tiveram seus cotidianos alterados pelas modificações urbanas ocorridas na época. Muitos perderam seus trabalhos como carregadores de cargas para os grandiosos trens e os práticos bondes, outros se viram obrigados a se adaptarem ao novo, a encontrar uma nova ocupação para conseguir continuar vivendo na cidade. Para esses, a mentalidade criada sobre o progresso e o moderno não eram nada positivas.

Sendo assim, percebe-se que as tensões surgem no cotidiano vivido dessas duas camadas sociais citadas, que acabam por tornar ainda mais evidente e intensificar a desigualdade social existente na cidade. A modernidade trazida pelo progresso, mesmo que de forma lenta e gradual, deixou claro que aquelas novidades surgidas não eram para todos, ou ao menos não seriam utilizadas da mesma forma por todos. Dessa forma, as tensões da modernidade residem nas contradições do progresso, que veio para todos, no entanto, de forma diferente, a uns deu conforto e a outros sofrimento. As tensões da modernidade são sociais, econômicas, políticas e culturais.

---

35 Processo de criação de mundos imaginários criados por escritores de ficção ou fantasia.

## REFERÊNCIAS

- ARANHA, Gervácio. **Seduções do moderno na Parahyba do norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas.** In: Ó, Alarcon A. et al. **A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural.** Campina Grande: Editora UFCG, 2005.
- BENJAMIN, Walter. **Baldelaire e a modernidade.** Traduzido por: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre o poder simbólico.** In: BOURDIEU, Pierre et al. **O poder simbólico.** 1989.
- CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada: Campina Grande em imagens e História.** Campina Grande: Editora UFCG, 2009.
- CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia.** Rio de Janeiro: FGV, 2015.
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação.** Estudos avançados, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.
- MAIA, Sabiniano. **Itabaiana: Sua História - Suas Memórias (1500-1976).** 3ª ed. Itabaiana. 2015.
- PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Conjunto arquitetônico do Carmo do Recife: estudo da documentação do arquivo central do IPHAN.** **MOSAICO (GOIÂNIA)**, v. 12, p. 121-134, 2019.
- PESAVENTO, Sandra Jatagy. **Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário.** Revista brasileira de História, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.